

**Os Acontecimentos Mediáticos, a Televisão e a Sociedade Civil, Arrábida -
Convento dos Capuchos, 8 de Julho de 2003**

Comentários a dois textos (**Documento de Trabalho**)

O estudo de Rita Figueiras intitulado "11 de Setembro de 2001": o dia seguinte no *Diário de Notícias* e no *Público*" tem como objectivo principal analisar a cobertura jornalística do 11 de Setembro naqueles diários nas duas edições que ambos publicaram no dia 12 de Setembro. A questão de partida é saber se a cobertura realizada esteve mais próxima de um jornalismo de "informação factual e descritiva", que no texto é apontado como estando mais próximo do "sentido original do jornalismo" (num aparte, podemos dizer que se todos compreendemos o que Rita Figueiras quer dizer, de todas as formas o chamado sentido original do jornalismo dava para dedicar todo um curso da Arrábida) ou se, pelo contrário, actualizou as tendências do jornalismo dos nossos dias, em que o jornalismo é definido como mais "interpretativo, dramático e especulativo". A questão de partida tem também a intenção de entender em que medida um acontecimento excepcional como o 11 de Setembro justificava ou não a edição de duas edições. Em concreto quais terão sido as motivações que nortearam essa opção? Terão sido motivos de natureza sobretudo comercial ou decorrentes da necessidade do fluxo ininterrupto de acontecimentos?

O enquadramento teórico das interrogações propostas baseou-se na concepção de "campo jornalístico" desenvolvida por Pierre Bourdieu em vários artigos da revista *Actes de Recherche en Sciences Sociales*, no livro *o Poder Simbólico* e, por último, na obra citada, *Sobre a Televisão*.

Segundo a interpretação defendida pelo autor francês, que recentemente nos deixou, hoje, mais do que nunca, o campo jornalístico encontrar-se-ia refém da lógica mercantil (em concreto, dos leitores e dos anunciantes). Embora constituindo este o ponto de partida, Rita Figueiras não desenvolve muito este tópico. No entanto, em *Sobre a Televisão*, Bourdieu argumenta que a dependência perante a lógica mercantil, não sendo uma realidade radicalmente nova, tem uma especificidade importante.

Bourdieu apresenta características muito peculiares, nomeadamente o facto de os efeitos que o desenvolvimento da televisão produz no campo jornalístico e, através dele, noutros campos de produção cultural, serem incomparavelmente mais importantes na sua intensidade e extensão. Esta profunda coacção modifica significativamente as relações de força/poder no interior do próprio campo jornalístico e nos que lhe estão subjacentes, afectando o que nele se faz e produz.

Continuando a seguir Bourdieu, seria possível analisar o exercício do jornalismo à luz de um conjunto de indicadores que se situariam entre dois pólos: o

comercial que, domina o denominado *jornalismo de mercado*, centrado numa concepção de notícia como produto e cujo principal objectivo, senão mesmo único, é a conquista e sedução permanente de novos públicos; e um jornalismo mais próximo de um 'pólo cultural', onde a informação é considerada um bem social e pedra basilar do sistema democrático, regido por princípios normativos e deontológicos.

Desde logo, quanto ao pensamento de Bourdieu, gostaria de dizer que talvez as suas incursões no mundo do jornalismo, feitas a partir desta dicotomia algo redutora entre pólo comercial *versus* o pólo cultural, acabem por ser analiticamente aliciantes devido sobretudo à agudeza da sua capacidade de observação e denúncia, mais do que à aplicação estafada de uma "teoria dos campos" cujo esquema – hoje tão criticado e abandonado por muitos que estiveram no início junto a Bourdieu (como Passeron e Chamboredon) se baseia na redução do mundo social à dinâmica da "lei do interesse" na luta pelo poder económico ou político. As visões do mundo, as concepções éticas ou deontológicas são meras justificações dos interesses em jogo.

Regressando ao estudo de Rita Figueiras, quanto ao *corpus* de análise e à metodologia, a opção recaiu na análise das duas edições publicadas no dia 12 de Setembro de 2001 pelos jornais *Público* e *DN*, analisando-se especificamente os géneros jornalísticos utilizados, assim como as temáticas que tinham a ver com os ataques aos EUA.

Quais as conclusões que retiro da análise realizada comparada às duas primeiras edições do *Público* e do *DN*? Creio que podem ser salientadas quatro:

Em primeiro lugar, a "natureza totalizante" deste acontecimento que remeteu para segundo plano os principais temas da agenda dos dias anteriores. Este facto foi comum aos dois jornais. No caso específico do *DN*, a análise mostra como esta situação se estendeu durante 26 dias consecutivos, transformando-se o próprio tema num sub-jornal dentro de cada edição.

Outro facto comum aos dois diários, e esta é a segunda conclusão que realço do estudo, diz respeito aos géneros jornalísticos mais utilizados. Quer no *DN*, quer no *Público*, a narrativa noticiosa concentrou a sua atenção nos factos e na descrição dos acontecimentos.

Uma terceira conclusão da análise é que do ponto de vista do alinhamento/arrumação, surge como curiosa a analogia que no estudo se faz com a sequência televisiva. Recorrendo a um conjunto de imagens-síntese, o *DN* teria procurado o tipo de efeito provocado pelos separadores dos telejornais com as imagens da explosão nas Torres Gémeas. O efeito de choque das tecno-imagens em movimento da TV parece servir de modelo à tecno-imagem fotográfica do jornalismo

escrito. Como se a palavra oral ou escrita fosse redundante perante tais imagens de uma realidade nunca antes vista.

Uma quarta conclusão diz respeito à cobertura do *Público*. Na sua grelha temática sobressai o tema relativo à perspectiva portuguesa do ataque aos EUA, mais especificamente nos sobreviventes ao ataque. Sendo que a grelha e o próprio alinhamento remetem para uma tentativa de compreensão do "Atentado que mudou o mundo". Apesar disso, parece que se chega à última página com mais dúvidas e interrogações do que com respostas... Houve, no entanto, uma tentativa de arrumação de um tema de muito difícil compreensão.

Quais as conclusões da análise realizada às 2^{as} edições?

A edição do *DN* é basicamente uma repetição da primeira. Apenas 5% do material editado corresponde a novas informações. Rita Figueiras justifica esta opção com a hipótese da primazia da estratégia comercial: aumento de vendas e concorrência com o adversário mais directo – o *Público*. Uma outra justificação, que se poderia adiantar, quanto a mim, seguindo até as análises de Bourdieu, tem a ver com as consequências que se prendem com a "urgência" do produto jornalístico. Se normalmente a aceleração impera, numa situação destas acentua-se.

Ao contrário do *DN*, a edição do *Público* apresenta 74% de material inédito; Há a realçar algumas diferenças em termos de géneros jornalísticos mais utilizados e mesmo no que respeita à escrita noticiosa: aumentaram significativamente o número de artigos que passaram de 6 para 25 o que significou, segundo a análise de Rita Figueiras, o predomínio da narrativa interpretativa e dramatizada em detrimento de uma narrativa factual e descritiva.

Quanto aos temas parece haver uma tentativa de acompanhar o fluxo dos acontecimentos e de dar conta dos novos desenvolvimentos.

Arriscaria a retirar uma conclusão geral da análise do *DN* e do *Público* nas suas coberturas sobre o 11 de Setembro, assinalando dois pontos: O primeiro é que ambos se regeram pela ideia de que o jornal que nada tivesse a mostrar ou a dizer de substancial sobre o acontecimento nada seria também. Num mundo em que a informação é um "movimento perpétuo", para usar o título de uma famosa peça de Carlos Paredes, o *DN* e o *Público* não poderiam deixar de alimentar esse caudal, fosse como fosse, com fotos, depoimentos, opiniões, factos, descrições ou especulações.

O segundo ponto que arrisco realçar é que em ambos os casos, apesar das diferenças assinaladas pela análise de Rita Figueiras, a questão principal é que no regime actual, onde os valores económicos tendem a sobrepor-se aos valores da

comunicação pública como acto cultural, o que importa não é que a informação seja um bem publicamente útil, mas um bem vendável.

Estes dois pontos são as características principais de uma era pautada pelo valor do dinheiro. A informação que não vende é equivalente a nada no nosso tempo. A única utilidade da informação é que seja vendável. James Carey, na análise que faz à cobertura televisiva nos EUA sobre o 11 de Setembro, diz-nos algo muito interessante a este respeito (2002: 71-90). Nas primeiras horas da cobertura televisiva, o jornalismo seguiu um padrão clássico, descritivo e factual. À medida que as horas e os dias avançavam aumentava a especulação e a cobertura televisiva degenerava. A tendência que Carey assinala é, portanto, a seguinte: nas condições actuais do exercício profissional, quanto maior é a possibilidade de uma boa mediação, devido às hipóteses que a distância temporal permitem, maior é o enviesamento sensacionalista. Quer dizer, o tempo que poderia permitir a boa mediação é revertido numa imaginação especulativa tecnicista, ficcional, desligada dos acontecimentos, exploradora das possibilidades comerciais. Isto não significa, obviamente, defender a rapidez ou o directo, mas entender até que ponto chegou a perfídia no interior do jornalismo nos *mass media* contemporâneos. A regra seria a seguinte: quanto mais tempo tem o jornalista, mais tempo tem para especular, quanto mais recursos de distância tem, mais eles são utilizados segundo a lógica comercial. Se assim foi no *DN* e no *Público*, que são *media* escritos e não televisivos como os que Carey analisou, julgo que só saberemos completamente quando Rita Figueiras aprofundar ainda mais a sua análise, agora segundo uma metodologia qualitativa, aos artigos do *DN* e do *Público*.

Bibliografia

Carey, James (2002), "American Journalism on, before and after September 11" in Barbie Zelizer e Stuart Allan, *Journalism after September 11*, Londres, Nova Iorque, Routledge.

Figueiras, Rita, "'11 de Setembro de 2001': o dia seguinte no *Diário de Notícias* e no *Público*";

Viro agora a minha atenção para o estudo de Miguel Gaspar, intitulado "**Cimeira Europeia ou European Summit?**". O objectivo é investigar se as notícias produzidas por dois canais do mesmo tipo *SIC Notícias* e *Sky News* (canais temáticos de informação em contínuo), mas de países diferentes, revelam ou não a existência de visões nacionais divergentes quanto à União Europeia, nomeadamente no que se refere à relação entre a identidade nacional e a identidade europeia.

Tendo como tópico central da agenda o encerramento das negociações para a adesão de dez novos países, o maior alargamento desde a fundação da União, a análise dos dois canais permitiria ver a forma como o tema foi apresentado em dois países da União, Portugal e Grã-Bretanha, e até que ponto a identidade nacional foi ou não submergida pelo pan-europeísmo. Este seria reforçado por um discurso ideológico que identificaria o alargamento com a ideia de uma reunificação e reencontro dos europeus, tal como foi afirmado por alguns chefes de estado e de governo, por exemplo Tony Blair.

Miguel Gaspar apoia-se nas concepções de Michel Schudson sobre a diversidade cultural na prática do jornalismo e na definição de Gaye Tuchman das notícias como “construção social partilhada”. A este respeito, comentarei no final a utilização frequente deste tipo de pressupostos teóricos, chamando a atenção para a necessidade do seu debate.

Miguel Gaspar apoia-se também na noção de Schlesinger em que a organização jornalística é uma espécie de “máquina do tempo”, onde o elemento central dessa máquina é o imediatismo, cujo tipo-puro seria a transmissão ao vivo, na qual o público se sente parte integrante do acontecimento através dos meios técnicos de mediação. A relevância deste tipo de canais de comunicação, como a *SIC Notícias* e a *Sky News*, estaria sempre dependente do critério de proximidade temporal. A programação destes canais torna-se num “noticiário “infinito”, uma expressão muito interessante que Miguel Gaspar propõe.

Quanto ao *corpus* de análise e à metodologia, a decisão foi analisar as emissões da *Sky News* e da *SIC Notícias* nos dois dias da cimeira: 12 e 13 de Dezembro 2002. No caso da *Sky News*, no período entre as 13 e as 18.30. A *SIC Notícias*, entre as 20.30 e as 00 horas. Considerou-se que este espaço temporal (sete horas para cada canal), enquanto amostra, seria suficiente para verificar as variáveis em causa: posição no alinhamento, existência de destaques, duração de cada bloco e peça, dispositivo televisivo e tópicos principais e secundários.

Quais as principais conclusões que retiro do estudo comparado, levado a cabo por Miguel Gaspar, no que respeita à cobertura da Cimeira da União Europeia de Copenhaga pela *SIC Notícias* e a *Sky News*?

A primeira conclusão revela que atitudes culturais e jornalísticas distintas produzem diferenças significativas na representação que é feita da identidade nacional na sua relação com a identidade europeia. Enquanto que as notícias da *SIC Notícias* reproduzem os complexos de um país “fraco” e que se arroga portador de uma “postura reivindicativa”, a *Sky News*, representante de um “país forte”, enfatiza a supremacia negocial e até alguma atitude de desafio para com outros países de igual

estatuto, como a Alemanha e a França. Este tipo de discurso ideológico, segundo Miguel Gaspar, está ancorado em antecedentes históricos acabando por funcionar como enquadramento da mensagem, não só como produto da acção levada a cabo pelo jornalista na construção do acontecimento, mas também por serem referentes importantes e auxiliares para o próprio processo de recepção.

A segunda conclusão registada diz respeito ao assunto que dominou a agenda mediática: a especificidade da Turquia, analisada de forma distinta pelos dois canais, quanto mais não seja porque envolvia directamente os britânicos enquanto “país de influência”. Na *SIC Notícias*, foi aos países de Leste, enquanto unidade geográfica, que se aplicou o critério de proximidade, como valor notícia central. Aqui a contextualização da questão turca foi entregue a peritos com posições divergentes. Para Miguel Gaspar, o facto de não ter sido ouvido nenhum protagonista turco e se ter optado por ouvir embaixadores dos países do antigo bloco de Leste, só corrobora o que foi dito anteriormente relativamente ao critério de proximidade que coloca a questão da adesão dos novos membros como a critério fundamental. Avança-se mesmo com a hipótese de, à luz da análise crítica do discurso de Van Dijk e Fairclough, se poderem encontrar no discurso dos dois canais laivos de uma “postura racista ou xenófoba” relativamente à Turquia. Detalhes como o de o primeiro ministro turco não ter sido ouvido em *on*, apesar de lhe ter dado algum destaque em termos de imagem, evidenciam a distância com que a Turquia é tratada pelos dois canais. Todavia, este elemento revela-se secundário relativamente às principais afirmações ideológicas ou culturais de cada canal, reveladoras do estatuto que cada um destes países ocupa no seio da União. A *SIC Notícias* arroga-se a função de utilizar o jornalismo como meio estruturante da cidadania, optando por enquadramentos múltiplos, escudados num tratamento profundo e na tentativa de descodificação da complexidade dos assuntos europeus. Por sua vez, a *Sky News* opta pelo modelo da informação-espectáculo assumindo como valores notícia centrais o imediatismo, a proximidade e o interesse humano.

Do ponto de vista formal, a análise pauta-se pela importância concedida ao facto proximidade temporal em canais que têm como principal característica o directo. De realçar, no entanto, que a maior diferença encontrada, relativamente à denominada televisão convencional, diz respeito ao valor da repetição, questão fulcral no universo televisivo, mas não só (limites de memorização/recorção das mensagens). Como é salientado, a incidência quantitativa da repetição de uma dada notícia na televisão tem a mesma importância que a manchete num jornal. Acresce existirem casos de notícias que, à medida que vão sendo repetidas, surgem com alterações de pormenor, o que levanta desde logo, segundo Miguel Gaspar, dois problemas no plano da análise. Ao

ser modificada, a mesma notícia pode adquirir significados distintos ou até mesmo contraditórios. Um segundo problema, tão ou até mais importante, é o da análise de uma peça só estar terminado quando conseguimos interpretar quais as razões que conduziram a essa alteração. Pode ter a ver com questões de actualização e com a relação directa com o tempo real. Este tipo de estratégia é também utilizado na imprensa escrita, basta pensarmos em jornais diários com mais de uma edição ou até mesmo numa estação de rádio onde, do ponto de vista técnico, é mais fácil acompanhar o ritmo da actualidade. Acresce ainda, no caso concreto da *Sky News*, existirem, para aqueles espectadores com acesso à televisão interactiva, oito emissões em simultâneo, o que tende a complexificar este fenómeno que é designado no texto de "notícias em geometria variável".

Em suma, os factores centrais de análise de conteúdo e de discurso deste tipo de canais são, por um lado, a repetição permanente das unidades noticiosas e, por outro, a evolução diacrónica de cada notícia em "geometria variável". Como elemento formal, é deles que está dependente a nossa capacidade de interpretar o fluxo informativo organizado em tempo real.

Como comentário final, e como prometi no início desta reflexão sobre o estudo de Miguel Gaspar, este apoia-se nas concepções de Michel Schudson sobre a diversidade cultural na prática do jornalismo e na definição de Gaye Tuchman das notícias como "construção social partilhada".

Em primeiro lugar, deve dizer-se que os estudos sociológicos propendem, de facto, para as posições que Miguel Gaspar partilha e lhe servem de enquadramento. Mas a este respeito, eu que sou formada em sociologia, peço licença para chamar a atenção para os perigos do imperialismo sociológico. É precisamente o caso da ideia de "notícias como construção social". As notícias, é verdade, são narrativas construídas pelos jornalistas em determinados quadros organizativos, cognitivos e ideológicos, mas elas implicam sempre um indivíduo que as escreve na primeira pessoa, que se dirige a um público que é também composto por pessoas, as quais, embora podendo ser incorporadas em grupos sociais, não são meras audiências ou sectores sociais culturalmente homogéneos. Em síntese, o homem é sempre um "animal político" antes de ser social.

Em segundo lugar, quanto à noção que as notícias são uma construção social partilhada, há que ter cuidado com a tendência construtivista radical, que é no fundo uma variante do idealismo. Segundo o construtivismo radical, ao utilizarmos categorias linguísticas e sociais, cuja existência não é realmente independente da mente, estamos a criar o mundo em que vivemos. As notícias seriam um dos produtos dessas categorias linguísticas e sociais que, portanto, produziram o mundo. Desta forma,

nega-se a existência de um mundo objectivo a partir da exorbitação da ideia correcta de que o real é objecto de percepção através da mediação da linguagem ou das imagens, mas uma coisa é servirmo-nos da linguagem e das imagens em função do mundo, outra coisa é viver o mundo em função da linguagem e da imagem. Em vez de descodificarmos as cenas da linguagem e da imagem como significados do mundo, passa a ser o próprio mundo que é vivido como se fosse meramente um conjunto de cenas. A realidade passaria a reflectir linguagens e imagens. As imagens e a linguagem não passariam a reflectir a realidade. Nesta acepção, as notícias não são descodificadas como significados do mundo, pelo contrário, o mundo é que passa a ser vivido como um conjunto de notícias. Como se sabe, este é o diagnóstico de Baudrillard, mas eu creio que ainda não chegamos a um estado tal de comportamento mágico. Finalmente, esta concepção, quando interpretada de forma extrema significa a negação de qualquer posição de aproximação à objectividade por parte do jornalismo. Mas isto é apenas mais um aparte que nos deve levar a todos a pensar seriamente, tal como na utilização do Pierre Bourdieu, a ponderar os nossos pressupostos teóricos de partida.

Os acontecimentos donde partiram as coberturas mediáticas estudadas por Rita Figueiras e Miguel Gaspar interromperam a programação habitual, sendo que essa interrupção no primeiro caso teve uma característica monopolista, foram realizadas ao vivo, conectaram audiências muito vastas e aconteceram perante nós graças aos dispositivos dos *media*. Em parte, como se sabe, esta é a definição de acontecimento mediático proposta por Dayan e Katz. No entanto, a cobertura do 11 de Setembro não foi um acontecimento planificado, não foi apresentado de uma forma cerimonial e não celebrou nenhuma reconciliação, quanto muito foi também um palco de um importante conflito internacional e é duvidoso que tenha tido um grande poder social integrativo. Teve-o, em parte com o sentimento geral no Ocidente de condenação de um acto que provocou tantos mortos e destruição, mas no mundo árabe, se quisermos falar de poder integrativo, só o poderemos fazer no sentido em que provavelmente houve algum júbilo ou pelo menos compreensão pela acção do terrorismo.

É certo, porém, que podemos falar em ambos os casos de experiências de comunidade realizadas a partir da consciência difusa, de que já falava Gabriel Tarde de que os outros estão a ver os mesmos programas. Tarde designava este processo com os conceitos de "impressão à distância" e "contágio sem contacto". Trata-se do contágio visível do público suscitado pela sensação de que partilhamos o interesse por algo.

Este tópicio da integração é um problema maior das ciências sociais que podemos resumir na seguinte pergunta: Como é que a sociedade se torna possível? Trata-se de uma questão que mereceu a atenção igualmente de Durkheim e das teorias funcionalistas que tiveram influência em Elihu Katz. Deve ser salientado, no entanto, que o funcionalismo é uma corrente teórica muito vasta, que compreende pensadores com propensão teórica geral como Parsons ou Luhmann e estudiosos mais ligados a teorias de médio alcance capazes da observação empírica como Merton e Lazarsfeld com quem Elihu Katz trabalhou no início da sua vida intelectual. E que sempre teve a oposição, inclusive nos EUA, dos teóricos mais ligados à importância dos fenómenos do poder e do conflito. Mas, a sociologia da comunicação de massas das últimas décadas teve tendência a desenvolver-se maioritariamente no contexto das teorias de médio alcance. Ora, os estudos de Rita Figueiras e Miguel Gaspar situam-se claramente neste quadro.

Tem sido apontado nos últimos anos a necessidade de desenvolver uma generalização conveniente da investigação empírica, de ter cuidado com a tendência para fragmentar a actividade informativa dos *mass media* e de resolver o desequilíbrio entre a teoria e o método. Tudo indica que o momento contemporâneo é particularmente adequado a esta tarefa.

Bibliografia:

Garcia, José Luís (2001), "Oblivionismo e Teodiceia dos Mass Media no Caso de Foz Côa" in *O Caso Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*, Lisboa, Edições 70, pp.103-144.

Gaspar Miguel, "Cimeira Europeia ou European Summit?"

Filipa Subtil

Departamento de Jornalismo, Escola Superior de Comunicação Social do IPL